VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

"VOCÊ VAI PRESTAR VESTIBULAR PARA ENGENHARIA?" A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA ESCOLA POLITÉCNICA DA PARAÍBA (1952-1974)

Raquel Guedes*
José Valmi Torres**

A ESCOLA POLITÉCNICA DA PARAÍBA

O presente trabalho tem como objetivo reescrever a história da Escola Politécnica no período de 1952 a 1975, no tocante a presença feminina nesta instituição de nível superior. Partimos da premissa de que a criação e consolidação dessa instituição vai se materializar em Campina Grande parte do aspecto do desenvolvimento predominante nessa sociedade.

No decorrer desse período, a Politécnica afirmou-se como um espaço de produção de ciência e tecnologia. Com seu primeiro vestibular em 1954, foi consolidada a partir de 1960 quando se declarou capaz de receber um maior número de alunos e procurou uma sede definitiva. Detinha o curso de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e mais tarde Engenharia Mecânica, foi considerada uma das melhores do Nordeste, a primeira a receber o primeiro computador do norte-nordeste. Foi fruto de uma conquista

* Mestranda-PPGH-UFCG
** Mestre-PPGH-UFCG

para a cidade de Campina Grande, formou profissionais responsáveis por toda a parte de engenharia no Nordeste e principalmente da Paraíba.

É importante destacar que o silêncio transborda significados, dentro dele há um movimento amplo entre sentido e sujeito (ORLANDI,1995), ou seja, é necessário levantar indícios do motivo pelo qual houve tal silenciamento, por quem, como e sobre o que foi silenciado, pois "o silenciamento nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito absolutamente distinta da que se tem estudado sob a rubrica "implícito", esta que aparece e algumas vezes se dá como sobreposta a uma significação" (ORLANDI, 1995)

Este trabalho buscou trazer à história a fala e as experiências silenciadas na participação das mulheres nas engenharias, em especial, na Escola Politécnica da Paraíba, abordando como se deu a participação dessas mulheres nas ciências e suas carreiras profissionais, enquanto docente ou como engenheiras, enfim, sua inserção no espaço público em atividades de maior predominância masculina.

As memórias sobre a Escola Politécnica estão se perdendo, devido a falta de cuidados para com seus documentos e a falta de pesquisa sobre, apesar da importância que essa instituição exerceu para a história local e para o ensino superior na região. Mediante esse fator, o objetivo de nossa pesquisa é investigar questões relacionadas a presença feminina nesses cursos. Analisar como mulheres, estudantes e/ou professoras de cursos tidos como masculinos em uma época tradicional em que a mulher ainda era vista como uma propriedade do homem, seja pai ou marido, e como destinada as atividades domésticas.

AS MULHERES E AS CIÊNCIAS

É possível uma história das mulheres? Levando em consideração que até os anos oitenta a mulher era pensada conjuntamente ao homem devido as relações de dependência da mesma? (PERROT, 2005).Foi estabelecido de maneira radical, desde a antiguidade, a superioridade masculina, tendo as mulheres de aprender no silêncio. Tal aspecto é diretamente responsável pela dificuldade de achar fontes que identifiquem o cotidiano feminino e suas lutas.

A mulher seguia os termos de uma família patriarcal, onde o pai, seu tutor definia sua criação, educação, padrões comportamentais e casamento. O feminino era criado para

os dotes do lar, não saia às ruas se não fosse acompanhada e em datas específicas. Na maioria das vezes era proibida de estudar, ou somente lhe permitido o acesso às primeiras fases da alfabetização e letramento. Não estudava por proibição ou por desestímulo. Sendo motivada ao aprendizado das prendas domésticas, sendo estas, costurar, bordar, cozinhar (CAVALCANTI, 2000).

A modernização permitiu a aparição feminina nas ruas, mas sua aceitação não foi unânime. Gilberto Freyre, por exemplo, condenava as práticas de aburguesamento e as novas tendências que ocorriam na sociedade, defendendo com afinco os moldes da família patriarcal. Por outro lado, não se podia frear o crescimento econômico, industrial, da urbanização e a consolidação do trabalho assalariado. Novos lugares e imagens eram instituídos a homens e mulheres e a educação feminina mudara (CAVALCANTI, 2000).

Para resguardar a mulher havia em casa e na rua o discurso político moralizante, médico higienizador e a advertência sobre o respeito e manutenção da moral e dos bons costumes. Ocorre que em uma sociedade moderna não se sustentava mais uma mulher sem qualquer instrução. Assim, o letramento feminino, a possibilidade de frequentar escolas e ter acesso à educação passou a ser cogitada e realizada. Esse momento histórico abriu portas para grandes conquistas femininas, e ocorre, desta maneira, a conquista moral e política do direito à educação, a frequentar as escolas primárias, a Escola Normal e seguir a carreira de docente, de profissional, caminhando a passos lentos para a emancipação.

A educação feminina foi um desafio, os avanços das tendências burguesas adentraram na questão educacional. Assim, escolas foram montadas para receber as crianças e os incentivos à educação foram lançados. Mas, e as mulheres? Inicialmente, as escolas eram para homens, após reivindicações, foram criadas as escolas para as crianças do sexo feminino (DEL PRIORE, 2011). Contudo o ensino ainda era diferenciado, uma vez que os meninos costumavam estudar matemática enquanto as meninas tinham aula de canto (PERROT, 2008).

A escolarização das meninas no primário ocorreu em 1880, em 1900 elas passaram a estudar o ensino secundário, apenas em 1950 no período entre guerras houve uma entrada maciça de jovens na universidade. Hoje, em determinados cursos, a presença feminina supera a masculina (PERROT, 2008).

No Brasil, os discursos de modernização eram recorrentes no século XIX, a partir de então foi dada ênfase à educação (DEL PRIORE, 2011). Pouco antes desses discursos, foi reivindicação feminina a criação de escolas mistas, ou seja, com meninos e meninas estudando no mesmo local, isso porque "as mulheres não confiavam no ensino que se concedia a elas, temiam a desvalorização, reivindicavam a 'coeducação' dos sexos, os mesmos programas de espaços, que garantiriam certa igualdade" (PERROT, 2008). Esse foi um avanço muito promissor para as mulheres. as escolas passaram a ser mistas e o regime alcançou até o ensino superior, embora fosse pequeno o número de mulheres que chegavam a esse estágio.

Com a missão de modernizar o país por meio da educação, um incentivo foi dado com a implantação da Escola Normal, cuja pretensão era formar professores e professoras que pudessem atender a um esperado aumento na demanda escolar (LOURO 2011).

A conquista feminina estava limitada. Os discursos revelam práticas que tratavam de mantê-la à margem da sociedade, lembrando do seu papel de mãe e do lar. Seu profissionalismo era admitido sob circunstância de desvalorização, pois "quase sempre solteira, recebendo menos que os homens, ela é frequentemente nomeada para cargos em lugares distantes, às voltas com a desconfiança" (PERROT,2008).

Os registros científicos mostram que ocorreu ao longo da história uma exclusão do gênero feminino em ciências como a medicina, matemática, física e em áreas tecnológicas como as engenharias. Há séculos as mulheres são discriminadas nas universidades. Na França, berço do ideal da igualdade, fraternidade e liberdade, até o ano de 1950 os alunos das universidades francesas poderiam trabalhar na universidade como monitores e após a graduação como docentes, mas as mulheres não eram convidadas para assumir tais cargos profissionais. (SCHIEBINGER,2001). E no Brasil, cuja história do ensino superior é recente, menos de dois séculos, a história das mulheres no ensino superior ainda está por ser conhecida.

Os movimentos feministas foram responsáveis por tentar mudar essa realidade. Na Europa e nos Estados Unidos, as mulheres empreenderam suas lutas a partir da compreensão de que a mulher precisava ocupar mais espaços no mundo masculino, conquistar a igualdade de educação e oportunidades o quanto antes. As mulheres deveriam ser olhadas de outro ângulo e vencer as barreiras que a sociedade estava a impor (SCHIEBINGER, 2001).

As mulheres conseguiram adentrar nas graduações em áreas das ciências e exatas, mas sua admissão era limitada, pois a pós-graduação limitou a presença feminina. Os números colocam que 54% dos concluintes de graduação eram mulheres, no término do doutorado apenas 35% eram mulheres e na formação docente no ano 1995 apenas 11% de mulheres foram admitidas para ensinar nas universidades dos Estados Unidos. (SCHIEBINGER, 2001)

Na América Latina as mulheres que concluíram a graduação em cursos de enfermagem e engenharia civil foram de 80% e 50%, respectivamente, e a admissão delas enquanto profissionais foi de 35 e 23% (TABAK,2002). Alega-se que muitas dessas mulheres, que chegavam a exercer a profissão de docente nas universidades estavam ajudando os maridos em pesquisas e terminaram sendo contratadas, mas seus salários eram 20% menores que os dos homens. (SCHIEBINGER, 2001).

Para além desses impasses, ainda foi necessário lidar com a discriminação. Esta enfrentada pelas mulheres nas ciências e tecnologia, além da diferença de salários e a difícil admissão como profissionais, há uma vigência cultural que alega que uma mulher para vencer na vida tem que ser superdotada, esse fator faz com que elas tenham vidas triplas de profissional, esposa e mãe sem deixar um desses elos sem seu auxílio. (TABAK,2002).

Em 1991, cerca de 40% das mulheres das universidades dos Estados Unidos alegaram ter sofrido discriminação, 39% disseram que eram levadas menos a sério que seus colegas homens. Em 1993 43% das mulheres sofreram discriminação sexual no trabalho e cerca de três quartos foram assediadas ao menos uma vez durante sua formação médica ou por pacientes homens. Das mulheres engenheiras entrevistadas em 1991, foi concluído que diariamente haviam observações sexistas por parte masculina.(SCHIEBINGER, 2001).

AS MULHERES DA POLITÉCNICA

No Arquivo Geral da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), de onde analisamos toda a documentação que restou da Escola Politécnica, podemos datar que a primeira turma de engenharia civil é do ano de 1954, a primeira aluna a que tivemos acesso nos documentos foi Arlete Figueiredo no ano de 1956, porém a mesma desistiu do curso em anos posteriores e foi cursar Serviço Social, como afirma Ana Maria Vilar

Campos em entrevista para o Projeto Memória: "na década de cinquenta cursou Arlete Figueiredo, ela cursou dois anos e desistiu porque foi fazer serviço social", salientando que neste meio tempo a aquisição feminina era mínima ou inexistente e assim foi mantida até 1960 quando o fluxo feminino foi aumentando, de forma lenta, na Escola.

Na década de cinquenta, a presença feminina foi marcada na figura de Arlete Sales, após a sua rápida passagem, apenas Juliana prestou vestibular, mas não obteve aprovação e assim, apenas em 1962 houve o retorno feminino na Escola Politécnica, na presença de Ana Maria Vilar Campos e sua amiga, a quem chama carinhosamente de "Gracinha" (Maria das Graças Pedrosa) no curso de Engenharia Civil. Os registros são mais evidentes a partir de 1965 quando a Escola tem sua primeira expansão, três mulheres aparecem no quadro de alunas atuantes nos seminários e nos projetos de extensão, são elas Zélia Maria Agra de Oliveira, Tânia Quezado de Magalhães, essa sendo a única monitora até a década de setenta, e Ana Maria Vilar Campos, também com grande destaque, pois após o término do curso é estabelecida professora do laboratório de hidráulica até seu afastamento para cursar a pós-graduação no ano de 1971.

Esse crescimento feminino na Escola Politécnica foi aumentando a cada ano, comparado a presença masculina nas engenharias, elas representam ainda uma minoria, mas perto do avanço dado enquanto mulher que está conquistando seu espaço dentro de um ofício até então considerado masculino, a participação das mesmas, trata-se aqui de uma vitória e um exemplo. Após 1976, com a reforma cêntrica a Escola Politécnica abre portas para ser o Campus II da Universidade Federam da Paraíba com a anexação dos cursos de humanas."

Após essa breve recapitulação de dados, se faz necessário analisar algumas questões sociais, culturais, políticas e identitárias por trás desses dados no tocante a representação cultural e social que se deu com a presença feminina em um ambiente tido como masculino. Essa análise foi possível a partir dos depoimentos realizados em entrevistas pelo projeto e que oscilam em discursos que trazem como o ambiente no interior da Escola Politécnica se dava, como as famílias viam a escolha das filhas ao decidir cursar engenharia, a visão dos colegas e das próprias entrevistas. Assim, percebemos alguns episódios de glória, preconceito, aceitação e evolução.

Deste modo, os(as) entrevistados(as) durante as pesquisas do Projeto Memória deram depoimentos sobre a época em que trabalhavam ou estudavam na Escola Politécnica, enfatizando fatores como as relações com os(as) demais colegas de

trabalho/estudo. Um fator comum na maioria das entrevistas destas pessoas é exatamente a aparente perfeição da época em que trabalhavam/estudavam naquela escola. Justamente uma época marcada no cenário brasileiro por manifestações de repressão por parte do governo (o golpe militar de 1964), e problematizada como local de desigualdades entre os gêneros.

A depoente "C.A.R.", em entrevista realizada em maio de 2004, reforça a ideia de que os empregados possuíam um bom relacionamento entre si, e que questões de discriminação não existiam – na verdade, não havia queixa alguma (por parte dela) sobre a situação do ambiente na época:

> O ambiente era bom. Era uma turma amiga..., Todos solidários..., Foi um período muito bom. Eu não tenho o que dizer da turma. Assim..., em termo de ambiente de amizade... Toda vida era uma turma amiga, éramos muito unidos. (MONTENEGRO, 2012: 200)

A depoente ainda narra um período da sua vida como funcionária da Escola Politécnica onde ela nem mesmo recebia salário pelos seus serviços – o chamado "pró-labore", ainda trazendo apenas elogios à época. Apesar então de tantas supostas adversidades daquele tempo, ainda assim era um tempo melhor que o presente? As relações sociais, enfatizadas pela entrevistada, eram bem próximas, respeitosas, assemelhando-se às relações familiares.

Existem alguns argumentos que se repetirão nas entrevistas citadas, devemos olhar com um cuidado ainda maior esses tais argumentos a fim de desenvolvermos nossas teorias. A Depoente "C", em entrevista realizada em Setembro de 2009, comenta os tempos dela como estudante no curso de Engenharia Elétrica. No discurso dela, veremos que existia sim uma espécie de discriminação, ainda que mascarada por outros sentimentos:

> (...) Logo que eu comecei era porque era engenheira, porque era mulher, porque era jovem, né? Então, primeira coisa era a surpresa. Às vezes você ficava sentindo que tinha uma certa desconfiança, né? (...) Não quer dizer que por detrás tem o preconceito escondido, né? (MONTENEGRO, 2012: 200)

Fica evidente, pela fala da entrevistada, que ela realmente não via essa relação de "proteção" como preconceito, apesar de reclamar que, em alguns momentos, os colegas e os professores mais antigos não confiavam inteiramente nela, colocando-a sempre para fazer seus trabalhos com um tutor por perto. A depoente ainda deixa parecer

que sua passagem pela graduação foi satisfatória, mas narra casos vividos durante a pós-graduação fora do país onde aí sim, diz ter sofrido preconceito; ainda que preconceito de origem. Essa última narrativa demonstra que a entrevistada possuía uma sensibilidade às discriminações que porventura sofria, portanto, provou-se capaz de criticar um momento do seu passado.

A Depoente "A", em entrevista concedida em outubro de 2009, traz à tona um ponto de vista bem peculiar, ao afirmar que as situações nas relações de gênero foram praticamente as mesmas, desde onde ela começa a perceber tais relações até os dias de hoje:

> (...) Mas, do ponto de vista profissional mesmo, você sentia aí, ainda hoje acho que faz sentido, que pra você ser considerado um bom profissional enquanto mulher você tem que ser melhor do que os homens para eles lhe respeitarem, entendeu? Você pode ser muito bom enquanto um engenheiro, mas para você ser engenheira, você tem que ser ótima para ser no mínimo aceitável como boa. Então essa situação assim de impor do ponto de vista do gênero sempre existiu e sempre vai existir, né? (MONTENEGRO, 2012: 200)

Observando o depoimento da entrevistada, vemos que a mesma observa sim uma presença de discriminação de gênero, mas afirma ser um preconceito imputo na sociedade, e que este tipo de preconceito é o mesmo (em intensidade e em prática) que vemos nos dias de hoje – mais ainda: não acredita que veremos essa situação mudar.

A depoente "B", em entrevista também concedida em outubro de 2009, já traz um discurso bem categórico, com garantias de que não percebia discriminação de gênero em sua época. As relações sociais então seriam abertas entre os estudantes, claro que ainda com grupos de interesse:

> Nós não sentiámos discriminação de gênero, não, certo? Era muito mais assim, os grupos de amigos, de estudo, de relacionamento, eles se dividiam muito em função do desempenho, tá certo! Então os alunos que se saíam melhor, que tinham o melhor desempenho, eles eram, formavam seus ambientes. (MONTENEGRO, 2012: 200).

Essa última depoente afirma que não sentia um preconceito aparente no ambiente de estudo, apesar de perceber uma determinada formação de pequenos grupos de amizade (onde possivelmente se encontraria o preconceito de gênero, se esse existisse), mas estes eram formados de acordo com afinidades em êxitos acadêmicos – como se o mais bem-sucedido fosse o formador desses grupos. As três últimas entrevistadas citadas aqui neste

artigo eram estudantes do curso de engenharia elétrica da Escola Politécnica, enquanto que a primeira trabalhou como funcionária no arquivo geral da mesma escola. Estas entrevistas representam o imaginário de algumas das mulheres que conviveram no espaço que foi a Escola Politécnica, que tinha uma identidade tipicamente masculina ligada aos estudos oferecidos na Escola. Talvez por isso encontramos uma quantidade mínima de estudantes no quadro daquela época, bem como também não encontramos muitas funcionárias fora das funções de secretariado ou tesouraria.

Em outras entrevistas, explorando outros episódios narrados, podemos perceber o espanto das pessoas com a presença de mulheres na Escola Politécnica, o mais enfático para nós esteve na fala de Ana Maria Vilar ao narrar como foi o dia em que prestou vestibular para Engenharia Civil em 1963. Ainda nesta fala pode-se perceber a mentalidade de boa parte da população em relação ao lugar no espaço que a mulher deveria ocupar a partir da fala da mãe da depoente e do desejo que esta tinha em ver sua filha fazer um curso de corte e costura:

> Quando eu fui fazer vestibular era tanta gente na porta olhando, parecia que era um ET, mas acostumei. Mas a minha mãe, uma mulher com o segundo ano primário, era uma pessoa sem muita instrução, sem muita visão, ela dizia "ou minha filha eu preferia que você tivesse passado em um curso de corte e costura que era mais útil a você". A gente queria estudar e ela era contra a gente estudar porque dizia que agente ia se casar e ter filhos, iam ser domésticas e precisavam aprender coisas que mulheres aprendem, a bordar, cozinhar, costurar, isso sim e não essas outras coisas, deixasse isso para os homens. (Catão, 2013:09).

Em outro relato, de modo singelo, a funcionária Maria Alencar Rolim, chamada de Cleise pelos mais íntimos, afirma que existia preconceito e dificuldade de aceitação feminina neste espaço ao relatar o porquê de a escola ter um numero de mulheres pequeno em comparação aos homens.

> Porque assim, durante muitos anos eram mais alunos que alunas na Politécnica. Primeira turma só homens. Segunda turma só tinham duas alunas. Duas alunas porque o resto mais era homem né? Ainda tinha preconceito naquele tempo, que Engenharia era só pra homem né? Era, pensava que antigamente, o pensamento do pessoal era que engenharia era pra homem né? Achava que era um curso de, assim muito pesado pra mulher. Aí depois não, depois foram chegando. (Rolim, 2013:03).

Durante a década de setenta com o aumento de vagas nas universidades, o número de mulheres cursando engenharia aumentou, porém ainda era de pequena quantidade como afirma José Sérgio:

> As mulheres na época no curso de engenharia era uma coisa rara, porque a minha turma, nós entramos eram 150 alunos, entrou 75 no primeiro período, 75 para o segundo. E na época eu acho que nós tínhamos 5 ou 6 mulheres no curso de engenharia elétrica. Hoje em dia o número é bem maior e esse número também se repetia para engenharia civil, que era o curso que tinha na época também, e era bem pouca gente. Na época nós tínhamos a Poli e tínhamos a FACE, então na FACE, no curso de economia tinha mais mulheres e essas coisas todas, mas em engenharia elétrica era coisa rara, realmente. (Neto,2013:03)

Ao relatar como era a convivência com as mulheres entre os alunos dos cursos de engenharia, o ainda depoente José Sérgio alega não existir preconceito para com estas, mas as limitações de relação social era uma maneira de respeito:

> Não tínhamos problemas não. É claro que existia uma diferença de formação, digamos assim. Há 40 anos atrás o relacionamento entre pessoas de sexo diferente não era tão aberto quanto hoje em dia. Tão aberto em termos de contar piadas, de chamar palavrão, essas coisas. Hoje em dia essas coisas ficaram normais, ou usuais, digamos assim. Existia um respeito, eu acho que era mais questão de educação, de formalidade, essas coisas todas. (Neto, 2013:04).

Por outro ponto de vista, conseguimos perceber a barreira de aceitação masculina para com o comportamento e com o convívio com as mulheres neste espaço a partir do relato de Ana Maria Vilar ao falar de como seu atual marido, na época namorado se sentia:

> Eita, ele pegava ar, porque a namorada de todo mundo fazia pedagógica e ia casar e eu fazia engenharia e ainda queria fazer a pós e não sei o que, não sei o que, eu ia lá pro meio do mundo e ele ficava lá desesperado. Eu fumava dentro da universidade e ele ainda era do segundo grau, aí os caras da universidade, meus colegas eram amigos dele e falavam que eu fumava e ele dizia que sabia que eu fumava e eu fumava por todo canto e eu dizia para eles não ligarem com os caras porque eles estavam fazendo inferno. Aí, depois de um tempo passou, começaram a entender. (Catão, 2013:15).

Para além dos barrismos, podemos perceber a admiração a competência e postura feminina na Escola Politécnica a partir da fala do ex funcionário Marco Aurélio ao falar da secretária Rita de Castro, sendo esta conhecida pelo seu vigor e competência nas atividades da secretária da Escola Politécnica, alega-se que esta detinha o domínio de todos os funcionários e efetuava sua função com muito empenho:

> Rita de Castro era basicamente a responsável por nós funcionários, principalmente os da secretaria. Ela tinha uma personalidade rígida, imponente, o que ela dizia estava dito, era muito correta com as coisas e a burocracia. Foi quem me ensinou o que eu sei hoje em relação ao

> meu trabalho. Sempre faço tudo correto, pois aprendi com ela o rigor do ofício. (LEITE, 2013:05).

A partir dessa pesquisa, podemos perceber que a presença feminina nas engenharias sempre foi pequena se comparada ao público masculino, mas, após analisar essa evolução desde a criação da Escola Politécnica até o fim da mesma, percebemos que a presença feminina tratou-se de uma "luta" com a sociedade, família e amigos, de um desejo alcançado por esses exemplos de mulheres que correram em busca do seu sonho profissional e romperam barreiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ed, Rio de janeiro: FGV Editora, 2005.

CAVALCANTI, Silêde Leila. **Mulheres Modernas Tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes- Campina Grande 1930/1950**. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Humanidades, universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE. 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

DEL PRIORE, Mary (Org). **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed, São Paulo, Contexto, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul do corpo- Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.

DELGADO, L.A.N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. In: Revista da Associação Brasileira de História Oral, No.6, pp.9-25, 2003

DO Ó, Edvaldo de Souza. **Politécnica: Primeira Escola Superior de Campina Grande.** Campina Grande: Editora Campina Grande Ltda.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

LIMA, Rômulo de Araújo. **A luz que não se apaga: a Escola Politécnica da Paraíba e a formação de um campo científico-tecnológico. Campina Grande**: Eduepb, 2010.

LUCA, Tânia Regina. **A História dos, nos e por meio dos periódicos**. In PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes Históricas.* São Paulo, Contexto, 2005, p. 111-153.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como Fazer, Como Pensar.** 2 Ed, São Paulo: Contexto, 2010.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru: Edusc, 2005.

POLLAK, Michael**. "Memória e identidade social". In:** ***Estudos Históricos***, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930**. 3ed, são Paulo: Paz e Terra, 1997.

SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo Mudou a Ciência?.** 2ed, São Paulo: Edusc, 2001.

SCOTT, Jonh. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Recife: SOS Corpo, 1990.

TABAK, Fanny. **O Laboratório de Pandora: estudos sobre ciência no feminino**. 1ed, Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002.

THOMPSON, Paul. "**A contribuição da história oral". In:__.** ***A voz do passado: história oral.*** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.104-137.

TORRES, José Valmi Oliveira. Escola **Politécnica e a construção identitária de Campina Grande como pólo tecnológico (1952-1973).** Dissertação (Mestrado em História), Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande,Campina Grande, PB. 2010.